

# Robinson Crusóe

## CLÁSSICOS ZAHAR

em EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

**Sherlock Holmes (9 vols.)\***

**A terra da bruma**

*Arthur Conan Doyle*

**As aventuras de Robin Hood\***

**O conde de Monte Cristo\***

**A mulher da gargantilha de veludo e outras histórias de terror**

**Os três mosqueteiros\***

**Vinte anos depois**

*Alexandre Dumas*

**Os livros da Selva**

*Rudyard Kipling*

**O Lobo do Mar\***

*Jack London*

**Jaqueta Branca**

*Herman Melville*

**Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda\***

**Três grandes cavaleiros da Távola Redonda**

*Howard Pyle*

**A Ilha do Tesouro**

*Robert Louis Stevenson*

**Aventuras de Huckleberry Finn**

*Mark Twain*

**20 mil léguas submarinas\***

**A ilha misteriosa\***

**Viagem ao centro da Terra\***

**A volta ao mundo em 80 dias\***

*Jules Verne*

**O Homem Invisível\***

**A máquina do tempo**

*H.G. Wells*

\* Disponível também em edição bolso de luxo

Veja a lista completa da coleção no site [zahar.com.br/classicoszahar](http://zahar.com.br/classicoszahar)

Daniel Defoe

# Robinson Crusóe

*Edição comentada e ilustrada*

*Tradução, apresentação e notas:*

José Roberto O'Shea

Inclui 25 ilustrações originais de Walter Paget

Copyright © 2021 by Editora Zahar

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Robinson Crusoe

*Capa e ilustração*

Rafael Nobre

*Revisão da tradução*

Marta Chiarelli

*Preparação*

Juliana Romeiro

*Revisão*

Carmen T. S. Costa

Thiago Passos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Defoe, Daniel, 1660-1731

Robinson Crusoe / Daniel Defoe ; ilustrações Walter Paget ; tradução, apresentação e notas José Roberto O'Shea. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Zahar, 2021.  
(Clássicos Zahar)

Edição comentada e ilustrada

Inclui 25 ilustrações originais de Walter Paget

Título original: Robinson Crusoe.

ISBN 978-65-5979-031-9

1. Literatura infantojuvenil I. Paget, Walter. II. O'Shea, José Roberto. III. Título. IV. Série.

21-74916

CDD-028.5

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/editorazahar](https://facebook.com/editorazahar)

[instagram.com/editorazahar](https://instagram.com/editorazahar)

[twitter.com/editorazahar](https://twitter.com/editorazahar)

# Sumário

*Apresentação: Daniel Defoe e o romance moderno,*  
por José Roberto O'Shea 7

## **Robinson Crusóe**

Prefácio 23

1. Começo de vida 25
2. Escravidão e fuga 41
3. Naufragado numa ilha deserta 57
4. Primeiras semanas na ilha 78
5. Constrói uma habitação — o diário 101
6. Doente e com a consciência pesada 115
7. Experiência agrícola 129
8. Examina sua própria situação 140
9. Um barco 151
10. Caprinos domesticados 168
11. Pegadas humanas na areia 180
12. Recuo até a caverna 195
13. Naufrágio de um navio espanhol 212
14. Sonho realizado 226
15. A educação de Sexta-Feira 243
16. Resgate de prisioneiros dos canibais 260
17. Visita de amotinados 280
18. Navio reconquistado 298
19. Regresso à Inglaterra 317
20. Sexta-Feira luta com um urso 334

*Cronologia: Vida e obra de Daniel Defoe* 349



## Apresentação

### Daniel Defoe e o romance moderno

A origem, a formação e as ocupações do romancista, jornalista, panfletista, agente político e comerciante Daniel Defoe fizeram dele uma espécie de “estranho no ninho” diante do refinamento e da erudição clássica que marcavam a literatura inglesa em seu tempo. Defoe nasceu em Londres, em 1659-60, época da restauração da monarquia inglesa, numa família de classe média, sendo filho de James Foe, um açougueiro londrino. Por volta de 1695, invocando descendência da família De Beau Faux, Daniel alterou o sobrenome para Defoe, o prefixo “de” conferindo-lhe supostamente um quê aristocrático.

Sua família era presbiteriana e o jovem, com cerca de catorze anos, contemplando uma formação clerical, ingressou na célebre Charles Morton's Academy for Dissenters (dissidentes, ou não conformistas religiosos), situada em Newington Green, ao norte de Londres. Dissidentes religiosos eram proibidos por lei de estudar nas universidades de Oxford ou Cambridge, onde predominava o estudo dos autores clássicos exclusivamente nos idiomas originais. Em contrapartida, as academias dissidentes, embora sem negligenciar o estudo de autores gregos e latinos, incluíam no currículo o estudo de línguas europeias modernas e tópicos de aplicação prática, tais como matemática e navegação, além de adotarem obras didáticas em inglês.

Defoe, contudo, não chegou a exercer o ministério presbiteriano. Mais tarde, ele escreveria: “Foi um desastre, primeiro, ter sido destinado à honra daquele trabalho sagrado, e depois ter sido dele afastado”.<sup>1</sup> O fato

---

1. *A Review of the State of the British Nation*, n. VII, p. 341.

é que, em 1684, quando se casou com a jovem Mary Tuffley — filha de um próspero comerciante londrino, com quem teria oito filhos —, Defoe já se estabelecera como comerciante de meias, inicialmente próspero, e já viajara a negócios pela França, Espanha, pelos Países Baixos e, possivelmente, pela Itália e Alemanha, sendo que as viagens o absorveram a vida inteira. Alternando períodos de prosperidade e aperto financeiro, Defoe envolveu-se em vários empreendimentos, alguns dos quais — por exemplo, uma criação de gatos-almiscarados, uma companhia de seguro marítimo e uma olaria — resultaram malsucedidos, obrigando-o a declarar falência. No entanto, conseguiu obter concordata, evitando ser preso por dívidas, e teve sua condição financeira e social restabelecida por intervenção de um político do partido Tory, de tendência conservadora.

No verão inglês de 1685, Defoe deixou claro seu interesse em questões políticas ao apoiar abertamente a Rebelião de Monmouth, que, sob o comando do primeiro duque de Monmouth (1649-85), primogênito ilegítimo de Carlos II (1630-85), rei da Inglaterra, Escócia e Irlanda, pretendia derrubar o católico Jaime II (1633-1701). Três anos depois, a rainha Maria II (1662-94), primogênita e herdeira de Jaime II, e o protestante holandês Guilherme III (1650-1702), neto de Carlos I, ascenderam ao trono da Inglaterra, e Defoe tornou-se grande aliado do casal e agente secreto do rei.

O temperamento do escritor parece ter sido um tanto carrancudo, e a única descrição física dele existente — “estatura média, magro, cabelo castanho e tez amorenada, nariz adunco, queixo pontiagudo, olhos acinzentados e uma verruga perto da boca” — é a que consta da ordem de prisão expedida contra Defoe após a publicação do notório panfleto *The Shortest Way with Dissenters* (1702), abordado adiante nesta apresentação. Defoe morreu em casa, em Moorfields, Londres, em 26 de abril de 1731, aos setenta anos.

A influência de Daniel Defoe na evolução do romance inglês é imensa, e muitos o consideram o primeiro romancista inglês. É mestre de uma prosa contundente, caracterizada pela curiosidade jornalística e pela atenção ao detalhe realista. É certo que Defoe foi um escritor extremamente versátil e prolífico, e cerca de 560 títulos são atualmente



a ele atribuídos, incluindo livros, panfletos e diários, muitos dos quais anônimos ou assinados sob pseudônimo. E embora seu início no gênero ficção tenha sido tardio, a escrita em outros gêneros — versos, panfletos, sátiras etc. — esteve sempre presente.

Seu primeiro escrito importante e devidamente assinado foi *An Essay upon Projects* (1697), coletânea de ensaios contendo recomendações pragmáticas do autor acerca de assuntos variados, tais como instituições financeiras, seguros, estradas, falência e concordata, associações humanitárias, atividade naval etc.

Em seguida, apareceu *The True-Born Englishman* (1701), seu primeiro grande sucesso literário, um poema satírico atacando o preconceito e as críticas dirigidas ao rei estrangeiro, o já mencionado Guilherme III, e seus amigos holandeses. No poema, Defoe defende o rei por meio de uma análise divertida da ancestralidade mestiça de um inglês típico. O poema trouxe a Defoe não apenas popularidade, mas também o beneplácito real.

Em 1702, surgiu *The Shortest Way with Dissenters*, panfleto em que Defoe, ele próprio um dissidente, defende ironicamente, na persona de um ilustre anglicano, a supressão sumária e sistemática de toda e qualquer dissidência religiosa, advogando como punição o enforcamento exemplar.<sup>2</sup> Os dissidentes eram membros de diversas denominações antianglicanas que se fortaleceram durante a Guerra Civil Inglesa (1642-9), foram suprimidas por Carlos II e seu irmão Jaime II, e ressurgiram no reino de Guilherme III. Inicialmente, a ironia sisuda contida no ensaio passou um tanto despercebida; mais tarde, porém, o panfleto foi considerado subversivo e incinerado publicamente. Defoe foi multado, preso e exposto três vezes no pelourinho (consta, porém, que o povo tenha atirado flores no autor do panfleto, considerando-o uma espécie de mártir). Detido durante sete meses na prisão de Newgate, em Londres, ele escreveu *Hymn*

---

2. Vinte e seis anos depois, em 1729, *A Modest Proposal*, ensaio satírico escrito e publicado anonimamente por Jonathan Swift (1667-1745), repercute a sátira de Defoe, sugerindo que os pobres irlandeses poderiam aliviar seus problemas econômicos cevando e vendendo os filhos como alimento para damas e cavalheiros abastados. A hipérbole satírica zombava de atitudes impiedosas em relação aos pobres, bem como da política britânica em relação aos irlandeses em geral.

to the Pillory (1703), uma ode ao pelourinho, vendida nas ruas de Londres a simpatizantes da causa dissidente.

Em 1704, Defoe fundou o periódico intitulado *A Weekly Review of the Affairs of France*, conhecido como *The Review*, o qual, após várias transformações, tornou-se *A Review of the State of the British Nation*, perdurando até 1713, um marco na história do jornalismo. Publicado três vezes por semana, o periódico marcou o início do prodigioso jornalismo político do escritor, e nesse veículo ele expressou não apenas suas opiniões acerca de vários temas da política contemporânea, mas também tratou de outros assuntos, entre eles amor, casamento, jogos de azar etc. Ainda em 1704, surgiu o panfleto *Giving Alms no Charity and Employing the Poor*, e, em 1706, o panfleto *Um relato da aparição de Mrs. Veal*, narrativa contundente de uma história de fantasma ambientada na cidade de Canterbury e contemporânea à sua publicação.<sup>3</sup> Em 1713, em substituição à *Review*, Defoe criou um novo periódico, *Mercator*, voltado a assuntos de comércio.

As obras pelas quais o autor celebrou-se pertencem à fase mais tardia de sua produção, com a publicação, entre 1719 e 1724, de uma série de romances. Nesses cinco anos apareceram suas obras ficcionais mais importantes, começando por *A vida e as aventuras de Robinson Crusóé* (tratado separadamente nesta introdução e cujo título ficou consolidado apenas como *Robinson Crusóé*), que veio a público em 1719. Em 1720, *Life and Adventures of Mr. Duncan Campbell*, um mago surdo, e *Capitão Singleton*, esta última uma história de aventuras na qual Singleton, narrador em primeira pessoa, é raptado na infância e mandado ao mar. Carecendo de noções de virtude ou religiosidade, ele participa de um motim frustrado e é desembarcado com seus comparsas em Madagascar. Na sequência, Singleton chega ao continente africano e o atravessa, vivendo uma série de aventuras; posteriormente, ele enriquece, regressa à Inglaterra e esbanja toda a sua fortuna. Então, retorna ao mar, agora na condição de pirata, para apossar o Caribe, o oceano Índico e o mar da China, enri-

---

3. O relato foi publicado, em dezembro de 2020, conjuntamente, pelas editoras Ex Machina e Sebo Clepsidra, de São Paulo, em tradução de Marta Chiarelli.

quecendo novamente. De volta à Inglaterra, casa-se com a irmã de um companheiro de viagem.

Em 1722, além de *The History of Peter the Great*, surgiu a obra-prima *Um diário do ano da peste*, romance de ficção e reconstrução histórica, supostamente o relato de um residente de Londres durante os anos de 1664-5, ocasião da Grande Peste que grassou na cidade. Consta que as iniciais H. F., que concluem a narrativa, sejam de Henry Foe, tio de Daniel, de quem o autor teria ouvido detalhes da história. O romance relata o alastramento gradual da peste, o pavor dos londrinos e as medidas adotadas pelas autoridades, tais como o isolamento de locais infectados e a proibição de aglomerações, sobretudo públicas. Os sintomas da enfermidade, a circulação de carroças transportando cadáveres, os sepultamentos em valas comuns e as cenas terríveis testemunhadas pelo narrador são descritos com vigor extraordinário, e os efeitos gerais da epidemia, por exemplo, o fechamento de negócios e a evacuação da cidade, são igualmente relatados, junto à estimativa do número total de mortes, somando cerca de 70 mil.

Ainda em 1722, foi publicado o romance de aventuras *Coronel Jack*, a “autobiografia” de um ladrão, na qual o narrador, abandonado pelos pais na infância, é influenciado por más companhias e se torna batedor de carteiras. Em seguida, ele desiste da “profissão” e ingressa na carreira militar, mas deserta, para não ser obrigado a servir em Flandres. Então é raptado, enviado à Virgínia e vendido a um proprietário rural. Lá é promovido a capataz, alforriado, torna-se fazendeiro e enriquece. Em seguida, regressa à Inglaterra e, após uma série de desventuras matrimoniais, arrepende-se e prospera.

E surgiu, também, em 1722, *Moll Flanders*, considerado o romance mais interessante do autor, excetuando-se *Robinson Crusóé*, e notável exemplo de realismo literário. Trata-se de uma genial, suposta autobiografia que relata as aventuras picarescas de uma prostituta londrina, filha de uma mulher acusada de furto e exilada na Virgínia, logo após o nascimento da menina. A criança, abandonada na Inglaterra, cresce na casa do bondoso prefeito de Colchester, e a história narra sua posterior perdição, seus cinco casamentos e demais casos amorosos, e sua visita à

Virgínia, onde encontra a mãe e descobre que, inadvertidamente, casou-se com o próprio irmão. Separando-se do irmão, ela volta à Inglaterra, onde, no primeiro momento, leva uma vida de extrema pobreza. Depois de tornar-se exímia punguista, é presa e exilada na Virgínia, na companhia de um de seus ex-maridos, um salteador. Com recursos próprios, os dois se estabelecem como fazendeiros, e Moll descobre que herdou da mãe uma fazenda. Ela e o marido passam os últimos anos de vida numa atmosfera de penitência e prosperidade.

O ano de 1724 trouxe *The Memoirs of a Cavalier*, romance histórico atualmente atribuído a Defoe; *A New Voyage round the World*; os panfletos sobre Jack Shepherd, notório ladrão e salteador enforcado em Tyburn (naquele mesmo ano de 1724); e, por fim, *Os segredos de Lady Roxana*, a “autobiografia” da srta. Beleau, bela filha de refugiados protestantes, criada na Inglaterra e casada com um cervejeiro londrino que, após esbanjar a fortuna, abandona a esposa e os cinco filhos. A protagonista, então, embarca numa próspera carreira de vigarice, passando de patrono em patrono, na Inglaterra, na França e na Holanda, enriquecendo e recebendo a alcunha de Roxana, devido à dança que costuma executar. Em seguida, casa-se com um comerciante holandês e emerge socialmente, até que ele descobre sua vida pregressa. Por fim, ele morre e deixa para ela uma soma reduzida. Roxana é presa por dívidas e morre penitente.

Em 1726, foi publicada a narrativa *The Four Voyages of Captain George Carleton*, e, em 1728, foi a vez de *Memoirs of Captain George Carleton*, esta anteriormente atribuída a Jonathan Swift (1667-1745), conhecido pelo clássico *As viagens de Gulliver*, mas hoje consensualmente consignada a Defoe.

O guia de viagem intitulado *Tour through the Whole Island of Great Britain*, publicado em três volumes, entre 1724 e 1726, é um relato vívido das condições do país, a partir de observações colhidas pelo próprio autor. As últimas obras importantes de Defoe incluem *The Complete English Tradesman* (1726), *Augusta Triumphans* (1728), *A Plan of the English Commerce* (1728) e *The Complete English Gentleman* (1890, postumamente).

## O naufrago que virou clássico

Em 25 de abril de 1719, aos 59 anos, Defoe iniciou a carreira de romancista, com a publicação de *Robinson Crusoe*, primeira grande obra ficcional do autor e também a primeira de uma série de histórias de aventuras que o celebrizaram. A publicação obteve sucesso imediato, com quatro impressões tiradas no mesmo ano do lançamento — uma segunda impressão veio a público em 12 de maio e duas impressões sucederam-se até o fim de 1719. A história do célebre naufrago foi publicada em três partes: a primeira, citada acima; a segunda, intitulada *The Farther Adventures of Robinson Crusoe: Being the Second and Last Part of His Life* [As aventuras subsequentes de Robinson Crusoe: tratando da segunda e última parte de sua vida] e publicada também em 1719; e a terceira, sob o título *The Serious Reflections during the Life of Robinson Crusoe* [As sérias reflexões ao longo da vida de Robinson Crusoe], apareceu em 1720. É consenso crítico, no entanto, que a segunda e a terceira partes — que não foram integradas à primeira — estão aquém desta.

Em *Robinson Crusoe*, Defoe inspira-se no relato das aventuras e da vida solitária do marinheiro escocês Alexander Selkirk, abandonado, em 1704 — a seu pedido —, pelo capitão Straddling em pleno oceano Pacífico, na ilha Más a Tierra, a segunda maior do arquipélago de Juan Fernández,<sup>4</sup> a 670 quilômetros de Valparaíso, no Chile. Na ilha, Selkirk conseguiu sobreviver até 1709, quando foi resgatado pelo capitão Woodes Rogers. É certo que os contrastes entre a experiência de Selkirk e Crusoe são marcantes. Por exemplo, enquanto o primeiro permanece oito meses deprimido e ocioso, o segundo começa a trabalhar pela própria subsistência na primeira noite que passa no local. Contudo, os relatos jornalísticos das aventuras e agruras vividas por Selkirk apresentam sobretons de pecado e castigo, bem como dos efeitos penitenciais da solidão, comparáveis às experiências de Robinson Crusoe.

No livro, e nas histórias que o seguiram, Defoe exhibe seus pontos fortes redacionais: a capacidade de recriar vividamente determinado

---

4. A partir de 1966, Más a Tierra passou a se chamar Robinson Crusoe.

local, por meio do efeito cumulativo, por vezes até repetitivo, de detalhes meticulosamente observados; a maestria de uma prosa despreziosa, ainda que, por vezes, tautológica e aparentemente descuidada; o domínio de uma linguagem relativamente acessível e padrões de fala que parecem revelar a consciência do narrador em primeira pessoa, a persona Robinson Crusóe; o amplo conhecimento da sociedade em que o próprio escritor vivia, tanto da burguesia empreendedora quanto dos parasitas que a sugavam; e a absorção no tema do ser humano solitário que logra submeter um ambiente inóspito e indiferente a um projeto de sobrevivência presente e prosperidade futura, concomitante à elevação espiritual.

Apresentado como relato verídico, o romance é uma suposta autobiografia, agora de Robinson Crusóe, nascido em York, em 30 de setembro de 1632. Contrariando a vontade e o conselho dos pais, o protagonista parte em viagem aos dezoito anos, e, após oito anos de aventuras e desventuras, chega a uma ilha deserta, em 30 de setembro de 1659, dia em que completa 26 anos. Qualificada no primeiro parágrafo do diário como “Ilha do Desespero”, a ilha ficcional de Crusóe situa-se na foz do rio Orinoco, um dos principais rios da América do Sul, fluindo num longo arco através de florestas tropicais e savanas e desaguando no oceano Atlântico, por meio de um grande delta pantanoso. Construindo paliçadas, moradias e canoas, plantando e colhendo grãos, instalando armadilhas, caçando e domesticando animais, e combatendo canibais, o protagonista sobrevive heroicamente no ambiente agreste ao longo de nada menos que 28 anos, dois meses e dezenove dias. Então, em 19 de dezembro de 1686, contando com a ajuda inestimável de Sexta-Feira, indígena salvo por ele de ser devorado por canibais, o herói deixa a ilha; finalmente, após longa viagem, regressa à Inglaterra, em 11 de junho de 1687, tendo estado ausente da terra natal durante 35 anos.

O livro é, a um só tempo, uma história de aventuras, uma espécie de épico burguês e tributo ao individualismo, e uma autobiografia espiritual. Na verdade, não surpreende que o tema central talvez seja a questão do individualismo, absolutamente precípua no surgimento do romance moderno. No clássico estudo *The Rise of the Novel*, o crítico

e professor inglês Ian Watt propõe que, de modo geral, o interesse do romance moderno na vida de pessoas comuns depende de duas condições abrangentes: que a sociedade valorize qualquer indivíduo o suficiente para considerá-lo tema adequado à literatura atilada; e que haja suficiente variedade de percepções e ações entre pessoas comuns capaz de permitir que o relato detalhado de tais percepções e ações seja de interesse para outras pessoas comuns, os leitores de romances. Watt conclui que ambas as condições dependem do surgimento de uma sociedade caracterizada pela “vasta complexidade de fatores interdependentes denotada pelo termo ‘individualismo’”,<sup>5</sup> e que Defoe, mais do que qualquer outro escritor que o precedeu, expressou diversos e importantes elementos do individualismo, tema que aparece de maneira mais nítida e abrangente em *Robinson Crusoe*.<sup>6</sup>

O romance tem sido estudado, também, como “biografia espiritual”, um gênero de prosa, a rigor, não ficcional que dominou a escrita protestante durante o século XVII, particularmente na Inglaterra, sobretudo entre os dissidentes. Segundo as convenções desse gênero, a narrativa segue o crence de um estado de condenação a um estado de graça.<sup>7</sup> De fato, afirmando a ética protestante e o puritanismo consolidados na formação do autor, o livro tematiza a superação de vicissitudes por meio da esperança, da fé e do trabalho, este último visto aqui como obrigação ética e religiosa, e não como punição divina pela queda de Adão. Em seu crescimento espiritual, o protagonista descobre, aprende, que o ser humano jamais estará totalmente desamparado se estiver disposto a trabalhar e perseverar na esperança e na fé em Deus e na Providência Divina. Com o devido empenho e engenhosidade, é possível valer-se das benesses propiciadas pela natureza, sobreviver e até prosperar.

A despeito dos vários episódios emocionantes descritos no romance, entre eles os resgates de Sexta-Feira e de seu pai pela intervenção heroica

---

5. Ian Watt, *The Rise of the Novel*, p. 60.

6. *Ibid.*, p. 62.

7. O exemplo mais famoso desse gênero literário talvez seja a obra *Grace Abounding to the Chief of Sinners* (1666), de autoria do pregador puritano inglês John Bunyan (1628-88).

de Crusoé, grande interesse advém da maneira extraordinária como o protagonista, que afirma jamais ter antes manuseado uma ferramenta na vida, aprende com as imposições da necessidade, enfrenta e supera a série de dificuldades que a ele se apresentam na ilha, ao mesmo tempo que preserva sua dignidade humana e eleva-se espiritualmente. Além do apelo ensejado pelo desafio imposto ao marujo que escapa do naufrágio e sobrevive na ilha deserta, agreste e exótica — sem dúvida uma receita quase infalível para qualquer romance de aventuras —, a leitura prende pela identificação do leitor com o protagonista e pelo interesse em seguir os sucessos e fracassos do herói ao construir, passo a passo, a partir do que a natureza lhe propicia, uma réplica física e moral do mundo por ele deixado para trás na Inglaterra. Em última instância, o resultado positivo dos desafios enfrentados e superados por Robinson Crusoé contraria os conselhos supostamente sensatos de seu pai em favor de uma vida pacata e mediana, absolvem-no do “pecado” da desobediência e reforçam o valor inelutável do heroísmo e da aventura. Afinal, sair da casa paterna, libertar-se, por assim dizer, das amarras familiares, construir uma existência para si e prosperar a despeito das circunstâncias constituem traços vitais do individualismo bem-sucedido.

No contexto anglófono, *Robinson Crusoé* vem, de fato, a ser um livro precursor do romance moderno, pois constitui uma das primeiras narrativas ficcionais na qual as atividades cotidianas e corriqueiras de uma pessoa comum permanecem no centro da atenção literária. A importância de Daniel Defoe para a história da literatura inglesa deve-se, concreta e basicamente, a dois fatores. Primeiro, ao já citado periódico *The Review*, que deu início a ideias importantes sobre a atividade jornalística, desenvolvidas por exemplo nos famosos editorial e “artigo de capa”, referências ainda hoje utilizadas e pelas quais muitos consideram Defoe uma espécie de pai do jornalismo moderno, mesmo porque seu nome aparece associado a nada menos que 26 periódicos ingleses. Em segundo lugar, cabe ressaltar suas obras ficcionais, mesmo que, *stricto sensu*, talvez não possam ser consideradas romances, no sentido moderno do termo, visto que enredo e caracterização aparecem de forma relativamente ru-



dimentar. No entanto, tais obras, devido à verissimilitude, ensejada pelo acúmulo e riqueza de detalhes, ao registro convincente de padrões de fala e à grande eficácia das situações singulares romanceadas, abriram caminho para a obra de Samuel Richardson (1689-1761), Henry Fielding (1707-54) e do já citado Jonathan Swift.

## Crusoé em português

Tradução literária é atividade intelectual que exige um equilíbrio sutil e complexo entre rigor e ousadia, na “fuga” responsável em relação à literalidade. E o estilo personalizado e idiossincrático de Defoe impõe desafios interessantes ao exercício de tal equilíbrio, sobretudo quanto a certos maneirismos relacionados à estrutura e pontuação dos períodos compostos, ao emprego irrestrito de orações reduzidas de gerúndio e à ocorrência de tautologia.

É marca do estilo literário de Defoe o uso de longos períodos compostos nos quais orações subordinadas aparecem separadas da oração principal por ponto e vírgula. A tradução não pretende “corrigir” a pontuação, mas tenta, à guisa de estratégia, evitar excessos que possam causar demasiado estranhamento ou interferir na compreensão do leitor. Além desses períodos compostos de estrutura peculiar, Defoe emprega continuamente o gerúndio, sobretudo em orações reduzidas. De novo, a tradução não pretende “corrigir” esse aparente exagero, mas diminui o número de ocorrências. E Defoe utiliza repetidamente a abreviatura *viz.* (*videlicet*); a tradução repete a expressão “a saber”, mas tenta, igualmente, evitar excessos, e a presença ubíqua dos advérbios “bastante” e “muito” aparece também diminuída. A repetição de determinadas expressões na tradução, tais como, “conforme relatado”, “conforme observado”, “em suma”, “resumindo”, segue o original, pois é outra marca do estilo do escritor e contribui para conferir um tom coloquial e certo ar de autenticidade à narrativa.

Na intenção de atribuir aos trechos que compreendem o relato do narrador em primeira pessoa um registro variado, mais elevado, digamos,

“literário”, e ligeiramente arcaizante, a tradução evita artigos definidos e indefinidos supérfluos, prefere a ênclise e o chamado futuro sintético. Já nos diálogos — assinalados por travessões, mas com aspas quando um personagem fala consigo mesmo —, visando à simulação de um registro mais coloquial, com marcas de oralidade, a tradução assinala a presença de artigos definidos e indefinidos supérfluos, a preferência pela próclise e pelo futuro perifrástico (verbo auxiliar + verbo no infinitivo). Ainda em relação aos diálogos, cabe mencionar que a fala do menino Xuri é marcada por subpadrão (forma linguística que diverge da norma institucionalizada), no original e na tradução, sendo que Crusoé tuteia o menino, por questões mesmo de diferença de idade e hierarquia. A fala de Sexta-Feira também é subpadrão, apresentando verbos exclusivamente no infinitivo, o pronome oblíquo “mim”, em lugar do pronome do sujeito “eu”, a ausência de marcas redundantes de plural e as contrações “pra” e “pro”.

E cabe uma palavra final sobre conversões. Na expectativa de preservar “cor local”, a tradução evita conversões ao sistema métrico, exceto nos casos da conversão libra/quilo, para evitar confusão com a moeda inglesa; e de jarda, pé e polegada, medidas demasiado estranhas para o leitor brasileiro. Nas notas explicativas, evidentemente, as informações são fornecidas no sistema métrico.

JOSÉ ROBERTO O’SHEA

---

José Roberto O’Shea é professor e tradutor. É mestre em Literatura Ocidental (American University) e doutor em Literatura Inglesa e Norte-Americana (UNC-Chapel Hill), com estágios de pós-doutoramento na Inglaterra e nos Estados Unidos. Leciona desde 1990 na Universidade Federal de Santa Catarina, onde atualmente é professor titular voluntário (aposentado), membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Inglês e pesquisador do CNPq desde os anos 1990. Tem mais de sessenta traduções publicadas, abrangendo ficção, não ficção, poesia e teatro. Para a Coleção Clássicos Zahar, traduziu ainda *Aladim*, *A Ilha do Tesouro* e, por *Aventuras de Huckleberry Finn*, esteve entre os finalistas do Prêmio Jabuti 2020.

# Robinson Crusóe



A VIDA  
e  
as Estranhas e Surpreendentes  
AVENTURAS  
de  
ROBINSON CRUSOÉ, MARUJO DE YORK:  
Que viveu Vinte e Oito anos  
sozinho, numa Ilha deserta na  
Costa da AMÉRICA, perto da Foz do  
Grande Rio ORINOCO;  
Tendo sobrevivido a um Naufrágio em  
que todos os Homens morreram, exceto ele.  
COM  
Um Relato de como foi, afinal, insolitamente  
salvo por PIRATAS.  
*Escrito pelo próprio.*  
*Londres*  
Impresso para W. Taylor, na Ship, em *Pater-Noster-Row*  
MDCCXIX<sup>1</sup>

---

1. Texto que consta do frontispício da primeira edição do romance, publicada em 1719.



## Prefácio

Se há neste mundo uma história das aventuras de um indivíduo que vale a pena vir a público e ser bem-recebida quando publicada, o editor pensa ser o caso do presente relato.

As maravilhas da vida desse homem excedem tudo o que (segundo pensa o editor) há de disponível; a vida de qualquer homem dificilmente apresentará maior variedade.

O relato é narrado com comedimento, seriedade, e com um apelo religioso aos eventos a cuja aplicação homens sábios sempre se prestam, visando instruir terceiros por meio deste exemplo, bem como justificar e honrar a sabedoria da Providência em todo e qualquer imprevisto das nossas circunstâncias, sejam elas quais forem.

O editor crê que o relato seja verdadeiro e factual; tampouco há nele qualquer aparência de ficção: no entanto, visto que relatos desse tipo costumam ser lidos com celeridade, o editor acredita que a fruição, seja quanto ao entretenimento ou à instrução do leitor, será idêntica; e sendo assim, julga, sem maiores saudações ao mundo, que presta um grande serviço ao leitor com a presente publicação.





## 1. Começo de vida

Nasci no ano de 1632, na cidade de York,<sup>2</sup> de uma boa família, embora de origem estrangeira, sendo meu pai nascido em Bremen<sup>3</sup> e tendo se estabelecido de início em Hull.<sup>4</sup> Meu pai construiu bom patrimônio negociando mercadorias e, deixando de lado essa atividade, passou a residir em York, onde casou-se com minha mãe, cujo sobrenome era Robinson, uma família respeitável daquela região, e em cuja homenagem fui chamado Robinson Kreutznaer; mas, devido à corruptela usual de palavras na Inglaterra, hoje somos chamados — na verdade, chamamos a nós mesmos e assinamos — Crusoé, e assim eu era conhecido por meus companheiros.

Eu tinha dois irmãos mais velhos, um dos quais era tenente-coronel de um regimento inglês de infantaria alocado em Flandres,<sup>5</sup> então comandado pelo célebre coronel Lockhart,<sup>6</sup> e foi morto numa batalha contra os espanhóis, perto de Dunquerque.<sup>7</sup> O que aconteceu com meu

---

2. Cidade histórica e murada, localizada no norte da Inglaterra, na confluência dos rios Ouse e Foss, e capital do condado de Yorkshire. Na época do Império Romano, a cidade foi um importante posto militar da província da Britânia. Na Idade Média, York foi um próspero mercado de lã, e até hoje se orgulha da célebre catedral de São Pedro, conhecida como York Minster.

3. Cidade situada no noroeste da Alemanha, às margens do rio Weser, e capital do estado de Bremen. Trata-se da cidade portuária mais antiga da Alemanha.

4. Kingston upon Hull, ou simplesmente Hull, é uma cidade localizada no litoral nordeste da Inglaterra, e capital do condado de East Riding de Yorkshire, próxima ao rio Hull, à beira do estuário do rio Humber.

5. Anteriormente, tratava-se do condado da Flandres, que já não existe, região da França e da Bélgica, situada entre as elevações de Artois e a foz do rio Escalda. Hoje em dia é necessário distinguir entre a Flandres belga e a Flandres francesa (localizada no norte da França).

6. Sir William Lockhart (of Lee) (1621-75) foi um soldado e diplomata escocês que, atuando como general de Oliver Cromwell, capturou Dunquerque dos espanhóis em 1658.

7. Cidade portuária do mar do Norte, atualmente situada no norte da França, a dez quilômetros da fronteira com a Bélgica. Dunquerque foi disputada em diferentes ocasiões pelas Coroas da Inglaterra, dos Países Baixos e da França.

segundo irmão eu nunca soube, assim como meu pai ou minha mãe jamais saberiam o que aconteceu comigo.

Por eu ser o terceiro filho da família e não ser instruído em nenhum ofício, desde cedo minha cabeça começou a encher de divagações. Bastante idoso, meu pai propiciou-me um devido quinhão de aprendizagem, tanto quanto possível a uma educação doméstica e uma escola rural gratuita, e pretendia que eu estudasse Direito; mas nada me satisfazia, exceto ir para o mar, e tal inclinação levou-me a contrariar tão fortemente a vontade, a bem dizer, as ordens de meu pai, e todas as súplicas e argumentações de minha mãe e de amigos, que parecia haver algo fatal naquela propensão, direcionando-me para a vida de infelicidade que a mim estava reservada.

Meu pai, homem sábio e circunspecto, deu-me conselhos sérios e excelentes contra o que previu ser meu desígnio. Chamou-me certa manhã em seu quarto, onde padecia de gota,<sup>8</sup> e protestou veementemente comigo. Perguntou quais motivos, além de uma simples inclinação errante, teria eu para deixar a casa paterna e meu país natal, onde seria bem-recebido, e onde havia perspectiva de aumentar minha fortuna por meio de dedicação e trabalho, e ter uma vida de conforto e satisfação. Disse-me que somente homens de fortunas arruinadas, por um lado, ou aspirantes a fazer fortuna, por outro, aventuravam-se em viagens ao exterior, para progredirem na vida por meio de empreendimentos e tornarem-se famosos à custa de negócios excêntricos; que essas coisas ou estavam muito acima de mim, ou muito abaixo de mim; que meu nível social era intermediário, ou poderia ser chamado de camada superior do nível mais baixo; condição que ele constatara, por longa experiência, ser a melhor do mundo, a mais adequada à felicidade humana, imune a infortúnios e privações, à labuta e à agrura do segmento laboral da humanidade, sem ser compelida pelo orgulho, pelo luxo, pela cobiça e pela inveja que afetam o segmento mais elevado da humanidade. Disse-me

---

8. Doença geralmente hereditária provocada pelo excesso de ácido úrico no organismo e caracterizada por dolorosos ataques inflamatórios, que ocorrem sobretudo nas articulações.

que eu poderia avaliar a felicidade dessa condição de vida com base num fator, a saber, que essa era a situação que todas as demais pessoas invejavam; que reis frequentemente lamentam as consequências desditosas de nascer destinados a realizar grandes feitos, e desejariam ter ocupado o meio dos dois extremos, ou seja, entre os pequenos e os grandes; que o sábio deu seu testemunho disso, como padrão justo de felicidade, quando orou para não ter nem riqueza nem pobreza.<sup>9</sup>

Ele me pediu que observasse, pois sempre haveria de constatar que as calamidades da vida eram compartilhadas entre os segmentos superiores e inferiores da humanidade, mas que o segmento intermediário sofria menos desastres e não era exposto a tantas vicissitudes; na verdade os que viviam em condição mediana não estavam sujeitos a tantas mazelas e angústias, fosse de corpo ou mente, quanto aqueles que, por uma vida de dissipação, luxo e extravagância, num extremo, ou de trabalho árduo, carências básicas e uma dieta insalubre ou insuficiente, no outro, atraíam mazelas para si mesmos, como consequência natural de seu modo de vida; que a condição intermediária de vida foi calculada para ensinar todo tipo de virtude e todo tipo de satisfação; que a paz e a fartura eram servas da fortuna média; que a temperança, a moderação, o sossego, o bem-estar, a fraternidade, todas as diversões agradáveis e todas as alegrias desejáveis eram bênçãos atinentes à condição mediana de vida; que nesse meio os homens seguiam silenciosa e serenamente pelo mundo, e dele saíam com conforto, sem se importunarem com trabalho braçal nem cerebral, sem serem submetidos a uma vida de escravidão para ganhar o pão de cada dia, nem atormentados por circunstâncias perturbadoras, que privam a alma de paz e o corpo de repouso, nem se enfurecem com o arroubo da inveja, nem anseiam secreta e ardentemente por grandes coisas; mas seguem sob circunstâncias amenas, deslizando suavemente pelo mundo e saboreando sensatamente as doçuras da vida, sem amargor, sentindo-se felizes e aprendendo com a experiência de cada dia a constatar tal fato com crescente sensatez.

---

9. Alusão a Provérbios 30,8: "Afasta de mim a falsidade e a mentira. Não me dê riqueza nem pobreza. Concede-me apenas o meu pedaço de pão". Todas as traduções de trechos bíblicos foram retiradas da *Bíblia Sagrada*, edição pastoral (Edições Paulinas).

Depois, ele insistiu com grande seriedade, e muito afeto, que eu não agisse qual um jovem incauto, nem me precipitasse em infortúnios que a natureza e a condição de vida em que nasci pareciam ter evitado; que eu não tinha necessidade de buscar meu pão; que ele me ajudaria e se esforçaria para inserir-me de forma justa na condição de vida que acabara de recomendar; e que se eu não prosperasse e não fosse feliz no mundo, seria exclusivamente por meu destino ou culpa; e que ele não teria nada a responder, tendo assim cumprido o dever de alertar-me contra medidas que sabia que seriam prejudiciais a mim; em suma, assim como ele me faria coisas muito benéficas se eu ficasse e me instalasse em casa conforme recomendava, não contribuiria para minhas desventuras, incentivando-me a partir; e para concluir, disse que eu podia tomar meu irmão mais velho como exemplo, a quem ele apresentara os mesmos argumentos sinceros, a fim de impedi-lo de ir para a guerra nos Países Baixos, mas que fora tudo em vão, pois o ardor juvenil do filho levava-o a alistar-se no Exército, onde foi morto; e embora afirmasse que não deixaria de orar por mim, ousava dizer que, se eu desse aquele passo tolo, Deus não me abençoaria, e, no futuro, quando talvez não houvesse ninguém para me amparar, eu haveria de dispor de tempo livre para refletir sobre o fato de ter ignorado seus conselhos.

Nessa parte final de sua fala, que foi verdadeiramente profética, embora eu suponha que meu pai não soubesse que assim seria, observei que as lágrimas vertiam profusamente por suas faces, sobretudo quando se referiu a meu irmão que tinha sido morto; e quando falou que eu teria tempo para arrepender-me, e ninguém para amparar-me, ficou tão comovido que interrompeu o discurso e disse que estava tão pesaroso que não poderia prosseguir.

Fiquei sinceramente abalado com aquelas palavras e, de fato, quem não ficaria? Resolvi não pensar mais em partir para o exterior e decidi ficar em casa, de acordo com o desejo de meu pai. Mas, ai de mim! Alguns dias bastaram para apagar tudo; resumindo, a fim de evitar quaisquer importunações por parte de meu genitor, poucas semanas depois tomei a decisão de fugir. No entanto, não agi tão precipitadamente como meu

primeiro impulso instava, mas procurei minha mãe, num momento em que, a meu ver, estava um pouco mais cordata do que o usual, e revelei que meus pensamentos voltavam-se tão inteiramente para conhecer o mundo que eu jamais seria capaz de dedicar-me ao que quer que fosse com a devida perseverança, e que seria melhor meu pai assentir do que me forçar a partir sem seu consentimento; que já estava com dezoito anos, que era tarde demais para ser aprendiz de algum ofício, ou escrivão de algum advogado; que tinha certeza de que, se o fizesse, jamais completaria o tempo estipulado e que, sem dúvida, fugiria de meu mestre arte-são antes do término do contrato, e partiria para o mar; e se ela falasse com meu pai, para permitir uma única viagem ao exterior, quando eu regressasse, caso não gostasse da experiência, jamais voltaria ao mar e prometeria, com redobrada diligência, recuperar o tempo perdido.

Isso deixou minha mãe muito abalada. Ela disse que sabia ser inútil falar com meu pai sobre tal assunto; que ele estava ciente do meu interesse e jamais consentiria em algo que pudesse prejudicar-me, e que ela se perguntava como eu poderia pensar em tal coisa depois da conversa que tive com meu pai, e ainda mais com as palavras ternas que ela sabia que ele me dirigira; e que, em suma, se eu pretendia arruinar-me, não havia como me ajudar; e que eu poderia estar certo de que nunca teria a aprovação deles; que, por seu turno, ela não moveria um dedo em prol da minha ruína; e que eu jamais poderia afirmar que minha mãe foi leniente, ao contrário de meu pai.

Embora minha mãe se recusasse a levar a questão a meu pai, eu soube posteriormente que ela relatou nossa conversa a ele, e que meu pai, depois de demonstrar grande preocupação, disse, com um suspiro:

— Esse menino talvez fosse feliz se ficasse em casa, mas se for para o exterior será o homem mais desgraçado que já existiu: não posso dar o meu consentimento.

Somente cerca de um ano depois disso consegui ir embora, ainda que permanecesse obstinadamente surdo a todas as propostas para estabelecer-me em qualquer negócio, e frequentemente protestasse diante de meu pai e minha mãe sobre o fato de manterem-se tão contrários a